

Opinião

O futuro da indústria



A indústria transformadora desempenhou um papel incontornável na estruturação da economia e sociedade norte-nha. A malha de pequenas e médias empresas, as mais das vezes de raiz familiar, foi capaz de resistir e, até, sair fortalecida das sucessivas crises que iam anunciando a sua ruína. E fizeram-no produzindo para os mercados internacionais, onde foram aprendendo a negociar e competir. Para além dos números que fizeram da Região do Norte uma das mais industrializadas da Europa, houve toda uma ideologia que se estabeleceu em concomitância com o desenvolvimento industrial, privilegiando o que parecia ser típico da indústria: os elementos materiais. Daí o privilégio ao investimento em equipamentos e edifícios e a tendência para a ostentação traduzida em carros de luxo, grandes casas e outros sinais exteriores de riqueza.

Acontece que o paradigma competitivo foi evoluindo, lenta mas continuamente, e que novos países, capazes de reproduzirem o que até havia sido o

nosso modelo de sucesso, foram entrando nos mercados internacionais. E o que sucedeu, entretanto? As empresas portuguesas, e as do Norte, em particular, foram persistindo em modelos de negócio condenados, muitas das vezes incentivadas por medidas de política que facilitavam esse conservadorismo. Continuou-se a investir no material quando a economia e a sociedade haviam evoluído, fazendo dos fatores que incorporavam o

conhecimento os elementos críticos da competitividade. Ao sentirem perder o pé, os empresários, em vez de se voltarem para dentro da empresa e procurarem aí as razões para as suas dificuldades, olharam para

a envolvente, para a burocracia, para as leis laborais, para a regulamentação ambiental e julgaram ter encontrado aí a explicação para o seu insucesso.

Tranquilizada a consciência, reconfortados com as estatísticas que mostravam termos um dos parques de equipamento mais modernos da Europa, continuaram insensíveis aos que apelavam para uma ruptura na estra-

tégia e persistiram no mesmo padrão de consumo ostentatório. E, como seria de esperar, começaram a falir mas, dada a lentidão do processo em Portugal, mantendo-se em actividade, distorcendo as regras eco-

nómicas mais básicas e prejudicando os que haviam evoluído e tinham capacidade de resistir. Salvo um ou outro caso pontual, os governos tinham aprendido que não se pode pedir à economia para resolver os problemas sociais que decorrem daquelas situações. A economia resolve-os no longo prazo, se derem condições de crescimento às empresas mais capazes actuem estas nos sectores tradicionais ou em indústrias emergentes. A inovação é fundamental, seja ela corporizada em novos equipamentos, produtos ou em modelos de organização, comercialização ou financiamento distintos. Os recursos humanos, a sua qualifi-

cação e competências tornam-se cada vez mais críticos. O conhecimento, a capacidade de ler e estar no mundo substituem a geografia como fatores de vantagens. Não há lugares errados para se localizar uma empresa desde que se saiba onde encontrar os parceiros certos. Por isso é tão importante a reunião de altos dirigentes de algumas das mais importantes (não necessariamente grandes) empresas industriais europeias que se vai realizar no Porto no dia 24 de Julho (escrevo esta crónica no domingo, embora ela só venha à estampa após o encontro). Juntam-se para dar o seu contributo para uma plataforma europeia com o sugestivo nome de Manufacture. Um projecto voltado para o futuro, em que as parcerias, o conhecimento, a investigação e a inovação e, sobretudo, a determinação e a vontade de, não apenas subsistir mas de desenvolver a indústria, substituam a lamúria e as lamentações. Que seja Belmiro de Azevedo o anfitrião, enquanto presidente desse grupo, constitui evidência de que há em Portugal, e no Norte, quem tenha sabido trilhar os caminhos certos que conduzem à esperança e ao futuro para a indústria em Portugal (e no Norte)!

Alberto Castro escreve no JN, semanalmente às terças-feiras.

